

100 ANOS DE CARRANCAS COM FRANCISCO GUARANY

PAULO PARDAL*
Professor

Em 2001, a Bahia entrelaça três comemorações: os 500 anos da descoberta da foz do Rio São Francisco, que naquele estado tem a maior parte de seu trecho navegável, o médio São Francisco, onde surgiram as famosas carrancas; os 150 anos da *Revista Marítima Brasileira*, pois seu criador, Sabino Elói Pessoa, viveu a sua infância naquele estado; os 100 anos da primeira carranca esculpida pelo baiano Francisco Guarany, o mais importante artista do São Francisco, autor de 2/3 das "figuras de barca" – sua denominação local – esculpidas no século XX.

Neste texto, refiro-me às carrancas que navegaram, muito raras hoje: não alcançam uma centena as existentes em coleções particulares e museus (o Museu Naval e Ocea-

nográfico possui um exemplar, que não é de Guarany). Convém não confundi-las com as réplicas de carrancas, produzidas em série, sem qualquer interesse artístico, muito frequentes nas lojas de artesanato.

Nossas carrancas são respeitadas internacionalmente: Jacques Cousteau pôs à proa do *Calypso* uma réplica, em sua longa estada na Amazônia, onde, não sendo conhecida essa decoração naval são-franciscana, a população ribeirinha considerou-a de origem francesa, como declarou Cousteau.

No Brasil, de 1954 a 2000, houve 15 exposições de carrancas – com pelo menos três delas.

A de maior porte teve grande repercussão na mídia, pois foi patrocinada pela Fundação Roberto Marinho e por outras presti-

* N. R.: Sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Pesquisador, há 40 anos, do tema "carranca", tendo livro e artigos publicados, inclusive na *Revista Marítima Brasileira*.

gias entidades; em 1981 e 1982; outras foram montadas no Rio de Janeiro (pelo Serviço de Documentação da Marinha – no Museu Naval e Oceanográfico), em Brasília, em Salvador (duas vezes), no Recife e em Petrolina. Em São Paulo, Guarany recebeu, da prestigiosa Associação Paulista de Críticos de Arte, o Prêmio Revelação, aos 99 anos de idade! Do acervo dessa mostra constavam 30 carrancas e três figuras de proa oceânicas. Intitulou-se “Guarany – 80 anos de carrancas”. Há 20 anos, pois.

À sensibilidade artística do Almirante Max Guedes deve-se a iniciativa da edição, pelo Serviço de Documentação da Marinha, do único livro sobre o assunto, *Carrancas do São Francisco* – em duas edições (a segunda com 180 ilustrações), totalizando 4.000 exemplares, há uma década esgotadas-, que muito contribuiu para o conheci-

mento e o interesse por essa manifestação artística genuinamente brasileira. Não se conhece, em nenhuma outra parte do mundo, o uso generalizado de figuras de proa zooantropomorfas (mistura de elementos humanos e animais, como nas carrancas), conforme declarou o ex-diretor do Museu de Marinha de Paris, Luc Marie Bayle. Para o saudoso e reputado historiador Clarival Valladares, as carrancas “fazem o nível mais elevado da criatividade do arcaico no Brasil. É assunto de extrema importância na história da cultura brasileira”.

Uma consagração de Guarany foi a outorga da Medalha Mérito Tamandaré, entregue, em 10 de outubro de 1982, na Prefeitura de Santa Maria da Vitória, na Bahia, sua cidade natal, pelo Almirante Bernard David Blower, então comandante do 2º Distrito Naval.



Aos 101 anos de idade, na Prefeitura de Santa Maria da Vitória, Bahia, sua cidade natal, Ubaldino Guarany recebe, do Almirante Bernard David Blower, então Comandante do 2º DN, a Medalha Mérito Tamandaré. De óculos escuro o Prefeito Tito Lívio Nogueira Soares. (Foto do autor)

Outra consagração do carranqueiro – também em 1982, quando completou 100 anos – consistiu na publicação no *Jornal do Brasil* da poesia ‘Centenário’, na qual Carlos Drummond de Andrade, reconhecidamente ávaro em elogios, declarou-o “irmão moreno” de São Francisco de Assis. “também ele [Guarany] miraculoso, pelo poder das mão calejadas e criadeiras”.

Vejamos alguns traços biográficos de Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany. Seu bisavô paterno foi José Dy Lafuente, religioso espanhol que abandonou a batina, amasiou-se com uma negra de nome Biquiba e tornou-se professor em Juazeiro, Bahia. Da união nasceu Plácido, tripulante de ajoujo e de barca, cujo filho mais velho, Cornélio, foi construtor de barcas em Santa Maria da Vitória, Bahia, onde, em 1882, nasceu seu caçula Francisco, apelidado de Guarany por ser bisneto de índia, por parte de mãe. O apelido incorporou-se ao nome.

Com 17 anos, Guarany começou a trabalhar como imaginário, atividade pouco rentável. Passou a carpinteiro, marceneiro, tanoeiro, ..., executava o que aparecesse em trabalho de madeira. Em 1901, esculpiu sua primeira figura de barca: “era um busto de nego ou de caboclo”, disse-me, e só muito depois entendi tratar-se do Caboclo d’Água, a mais temida das entidades mitológicas que habitavam o São Francisco e que Guarany viu e até descreveu. Suas primeiras carrancas muito se assemelham, embora intervaladas de cerca de dois anos.

Cessou, no início da década de 1940, a construção das pesadas e onerosas barcas, que desapareceram no final da década de 1950. Guarany esculpiu cerca de 80 das 120 carrancas produzidas no século XX. Poucas nos restam do século XIX, pois elas só surgiram por volta de 1880. O escultor começou a produção de carrancas, agora para colecionadores, do início da década de 1950 até 1979, totalizando cerca de



Carranca de Francisco Guarany que deu origem a selo dos Correios brasileiros (Foto: Marcel Gautherot)



Carranca da barca da página seguinte

Carranca de Francisco Guarany, hoje no Museu Castro Maia em Santa Tereza, RJ (Foto: Marcel Gautherot)





Barca com carranca de Francisco Guarany (Foto: Marcel Gautherot)

90, praticamente com o mesmo valor artístico das que serviram nas barcas.

Guarany não foi um inovador, pois a arte popular não tem um só criador. Obedeceu à tipologia básica das figuras de proa, que lhe eram anteriores, embora enriquecendo-as com um elemento de grande expressão e beleza plástica: a basta cabeleira. Se bem que tivesse outras ocupações e o preparo das figuras de barca lhe tomasse um tempo restrito, pelo número de peças que esculpiu e pelo renome de que gozava, é o único escultor que pode ser considerado um profissional nesse gênero. Os demais, pelas poucas peças que produziram, embora algumas também excepcionais, não fizeram mais do que incursões ocasionais.

Aprendeu a ler e escrever com padres. Sua formação foi deficiente, como geralmente acontece no interior, mas Guarany falava bem: foi orador da Filarmônica 6 de Outubro, por muitos anos; fez política, pela União Democrática Nacional (UDN), e seus discursos em praça pública eram agressivos. Desempenhou, em Santa Maria da Vitória, durante 39 anos, o cargo de juiz de Paz, sen-

do indispensável seu discurso nos casamentos que celebrava, que foram mais de 500. Outra sua função, que exerceu cerca de 35 anos, até 1972, foi a de medir e informar diariamente o nível das águas do Rio Corrente, como observador pluvio-fluviométrico do Ministério da Agricultura.

A vida pacata do interior proporcionou a Guarany boa saúde e raciocínio ágil até cerca de 90 anos, quando passou a sofrer de reumatismo e deficiências próprias da idade, continuando, porém, a esculpir suas carrancas até fins de 1979. Em 1981 e 1982, viajou de avião a Brasília e a Salvador para a inauguração da citada mostra "Guarany – 80 anos de carrancas".

Em 1983, agravou-se o estado geral do escultor, que faleceu em 4 de maio de 1985, aos 103 anos de idade, merecendo amplo noticiário na imprensa: TV Globo (programa Fantástico), *O Globo* e *Jornal do Brasil*, entre outros.

O reconhecimento de sua obra deveu-se basicamente ao Serviço de Documentação da Marinha, através das citadas edições do livro e da mostra, em 1981 e 1982.

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<NOMES> / Guarany, Francisco (carranqueiro); Carrancas ;